

## SUJEITOS PERIFÉRICOS E COLETIVOS CULTURAIS: PERTENCIMENTO, PARTICIPAÇÃO E POLÍTICA NO BAIRRO DE SANTA CRUZ - RJ

### PERIPHERAL AND COLLECTIVE CULTURAL SUBJECTS: BELONGING, PARTICIPATION AND POLITICS IN THE NEIGHBORHOOD OF SANTA CRUZ - RJ

### JUVENTUD PERIFÉRICA Y LOS COLECTIVOS CULTURALES: PERTENENCIA, PARTICIPACIÓN Y POLÍTICA EN EL BARRIO DE SANTA CRUZ - RJ

Leonardo Cesar Alves Moreira\*

Marcio Luiz Gonçalves D'Arrochella\*\*

Ynara Noronha de Souza\*\*\*

Pedro de Almeida Cupolillo\*\*\*\*

#### RESUMO

Este artigo se insere no tema das questões urbanas a partir de um estudo qualitativo realizado no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Para introduzir as discussões relacionadas à organização espacial, traçamos um mapeamento inicial dos coletivos culturais e da atuação desses grupos no bairro, de modo a compor um estudo das práticas das juventudes periféricas em coletivos culturais. Assim, a pesquisa é estruturada em duas seções que percorrem a questão investigativa: Na primeira, discutimos a relação entre sujeitos periféricos e atuação nos coletivos culturais e na segunda, uma pesquisa documental que focaliza o perfil da juventude de Santa Cruz. Por fim, é desenvolvido um inventário dos coletivos atuantes no bairro, formas de expressão cultural e reinvenção do espaço, relacionando-os à organização espacial deste bairro.

**Palavras-Chave:** Juventudes Contemporâneas; Juventudes Periféricas; Coletivos Culturais; Rio de Janeiro; Santa Cruz.

#### ABSTRACT

This article is part of the theme urban issues based on a qualitative study conducted in the neighborhood of Santa Cruz, West Zone of the municipality of Rio de Janeiro. To introduce discussions related to spatial organization, we traced a mapping of cultural collectives and the actions of these groups in the neighborhood. Study on the practices of peripheral youth, organized in cultural collectives, for the cultural expression and reinvention of space. Thus, the research is structured in sections that cover the investigative question - what is the role of cultural collectives in the spatial organization of a peripheral neighborhood? - In the first section, we discuss the relationship between peripheral subjects

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista PROEX/ CAPES. Pedagogo e Mestre em Educação pela UFRJ. Atua como Coordenador Pedagógico das Escolas de Cinema do CINEAD/UFRJ e do Projeto Cultural REALIZACINE.

<sup>2</sup> Pesquisador de pós Doutorado do Programa Institucional de Pós Doutorado em Geografia da UFRJ. Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC).

<sup>3</sup> Produtora audiovisual de realizações independentes, produtora cultural, fotógrafa, artista em cinema de guerrilha, comunicadora social do Cultura Zona Oeste e Coletivo Mente Ativa, idealizadora do Vozes Negativas.

<sup>4</sup> Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - habilitação em rádio e tv. Atualmente desenvolve experiências de iniciação ao Cinema com crianças e jovens pelo projeto cultural Realizacine, do qual é um dos idealizadores.

and action in cultural collectives. In the second, a documentary research focuses on the profile of The Youth of Santa Cruz. In the third, a inventory of the collectives that work in the neighborhood. In the end considerations of the spatial organization of the Neighborhood of Santa Cruz and the actions of cultural collectives.

**Keywords:** Contemporary Youths; Peripheral Youths; Peripheral Subjects; CulturalCollectives; Rio de Janeiro; Santa Cruz

## RESUMEN

Este artículo forma parte del tema temas urbanos basado en un estudio cualitativo realizado en el barrio de Santa Cruz, Zona Oeste del municipio de Río de Janeiro. Para introducir discusiones relacionadas con la organización espacial, trazamos un mapeo de colectivos culturales y las acciones de estos grupos en el barrio. Estudio sobre las prácticas de la juventud periférica, organizada en colectivos culturales, para la expresión cultural y la reinención del espacio. Por lo tanto, la investigación se estructura en 2 secciones que cubren la pregunta de investigación - ¿Cuál es el papel de los colectivos culturales en la organización espacial de un barrio periférico? - En el primero, discutimos la relación entre los sujetos periféricos y la acción en los colectivos culturales y en el segundo, investigación documental que se centra en el perfil juvenil de Santa Cruz. Finalmente, se desarrolla un inventario de los colectivos que trabajan en el barrio, formas de expresión cultural y reinención del espacio, relacionándolos con la organización espacial de este barrio.

**Palabras clave:** Juventud Contemporánea; Juventud Periférica; Sujetos Periféricos; Colectivos Culturales; Rio de Janeiro; Santa Cruz

Recebido: 10/11/2022

Aceito: 10/10/2023

## INTRODUÇÃO

Ao pensarmos como a juventude cria espaços de sociabilidade para entender ou mesmo transformar a sua realidade, devemos antes de mais nada, identificar se as ações são desconectadas ou se dão em redes maiores. Sendo algo único e específico de uma dada população, nossa capacidade explicativa se resume a algum entendimento ou interpretação, mas se o fenômeno está imbricado a diversos outros grupos espalhados nos diferentes lugares, poderemos entender padrões ou comportamentos gerais. A identificação de uma estrutura nos leva a um sistema, que a partir de das considerações de Betarlanffy (1973), pode ser entendido como um ente diferenciado da mera soma das partes.

Nesse sentido, tratando as juventudes como sistemas de organizações espaciais, que interagem entre si e de maneira distinta com outros sistemas, podemos enxergar seus elementos constituintes, suas relações e os fluxos entre eles. Antônio Christofolletti (1990, p. 22) definiu a noção de organização espacial sendo:

O termo organização expressa a existência de ordem e entrosamento entre as partes ou elementos componentes de um conjunto. O funcionamento e a interação entre tais elementos são resultantes da ação dos processos, que mantêm a dinâmica e as relações entre eles. Essa integração resulta num sistema organizado, cujo arranjo e forma são expressos pela estrutura. Se há possibilidade para se distinguirem diversos tipos de organização, os de interesse geográfico são os possuidores da característica espacial.

Quanto às características espaciais é possível entender determinados elementos e fenômenos a partir da maneira como constroem um arranjo espacial. Ou seja, onde estão, o que produzem ali,

como produzem, para quem produzem, com que agentes interagem para produzir e que resultados tal produção gera localmente e em outros lugares.

A ideia de coletivo cultural, embora se tenha poucas publicações acadêmicas, é cada vez mais presente na contemporaneidade e no cotidiano das juventudes, com diversos grupos se mobilizando no sentido de produzir culturalmente, como alternativa para fazer em conjunto (MIGLIORIN, 2012). Olivieri e Natale (2010, p.35), por sua vez, apresentam em seu Guia Brasileiro de Produção Cultural, como definição para os Coletivos Culturais, “uma ideia de diversas pessoas, de várias funções diferentes, que possuam como objetivo comum desenvolver o cenário artístico e cultural de determinada região”.

Para Juarez Dayrell (2007) as formas de sociabilidade entre as juventudes se pluralizam, criando movimentos educativos para muito além dos processos de escolarização. No atual contexto, essas diversas formas organizadas emergem em múltiplos cenários artísticos e culturais nas diferentes regiões brasileiras. Ainda segundo o autor (2007, p. 1112) “os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados”. Essa característica emerge entre os jovens e apresenta a importância dos encontros, justamente como forma de produzir significados. A esses grupos, na contemporaneidade, são denominados e, muitas vezes, se autodenominam como coletivos culturais (OLIVIERI e NATALE, 2010; MIGLIORIN, 2012).

Dayrell (2007), sobre o lugar onde vivem as juventudes periféricas, afirma a reinvenção do espaço como uma das alternativas de expressão cultural, circunstância central da participação das juventudes periféricas e de sua atuação educativa nos espaços. A atuação dos coletivos culturais, portanto, ao priorizar a ocupação do espaço urbano, revela-se como gesto educativo (e político) de seus sujeitos, representando uma característica comum em torno da noção de sujeitos periféricos (D'ANDREA, 2013).

A atuação de coletivos culturais se insere em distintos cenários de participação política da juventude periférica nas cidades, e que, por essa condição, apresenta formas de organização plurais e (re)criam novos modos de participação política das juventudes no cotidiano urbano. Dayrell ao afirmar que “as diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas” (*Ibidem*, 2007, p. 1112), apresenta uma abertura para reflexões sobre os múltiplos cenários e das particularidades em torno das condições periféricas. Ao mesmo tempo em que evidencia como característica comum entre os jovens periféricos, justamente os sentidos que atribuem ao lugar onde vivem.

Alguns exemplos de coletivos culturais, com presença e participação das juventudes, são apontados nos trabalhos de Almeida (2013), Arruda (2020), Loureiro (2019) e Takeiti e Vicentin (2019) contribuindo para uma ampliação dos sentidos que essas juventudes atribuem ao lugar e que compõem um conjunto de estudos que relacionam juventudes periféricas e, levando-se em conta a sua atuação nos coletivos culturais (MOREIRA *et al.*, 2021). Eles associam práticas coletivas e individuais a situações que constroem uma noção de pertencimento, participação e política onde vivem.

A partir dessa constituição de um novo imaginário, que se difunde na contemporaneidade em torno da condição periférica, D'Andrea (2013) discute sobre as noções de representações das periferias, como uma condição de ‘orgulho’ e de ‘pertencimento’, como formas de representação sobre si (D'ANDREA, 2013), como condição contemporânea de “sujeitos periféricos”.

É necessário salientar que a presente pesquisa é realizada por um coletivo de sujeitos periféricos e pesquisadores nos campos da Educação, da Geografia, da Comunicação Social, do Cinema e do Audiovisual e da Produção Cultural, que na interface entre essas áreas, se arrisca a produzir uma investigação interdisciplinar sobre o bairro de Santa Cruz. Procurou-se ampliar as discussões sobre as dinâmicas urbanas e as suas interrelações com as temáticas do direito à cidade dos sujeitos periféricos, da formulação de políticas públicas para o desenvolvimento socioespacial e territorial desse bairro.

Na primeira seção, discutimos a relação entre sujeitos periféricos e sua atuação nos coletivos culturais. A noção de sujeitos periféricos vem se afirmando fortemente atrelada às ideias de pertencimento, participação e política que possibilitam (re)construir um imaginário em torno dos bairros periféricos em que estão atrelados à atuação dos coletivos culturais. Em seguida, recorrendo à pesquisa documental, relacionamos os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012, do Instituto Pereira Passos (IPP) e da Agenda Santa Cruz 2030 (CASA FLUMINENSE, 2020), construindo uma representação histórica e geográfica que focaliza uma noção do perfil da juventude do bairro de Santa Cruz. Na terceira seção, é apresentado um inventário inicial de coletivos culturais da região e de seus modos de intervir nos espaços ao produzir ações artísticas, culturais e educativas. Por fim, são apresentadas algumas considerações relacionadas à organização espacial do bairro de Santa Cruz e a atuação dos coletivos culturais.

## SUJEITOS PERIFÉRICOS E COLETIVOS CULTURAIS: RELAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Ao problematizar os sentidos e os significados que estão em jogo para o termo periferia, D'Andrea (2013) discute a influência dos coletivos artísticos de São Paulo na formulação de um novo significado para o termo, partindo dos movimentos que desencadearam o aumento de atividades culturais a partir dos anos 90. Ele sugere a formação de uma “nova subjetividade surgida na periferia e centrada no orgulho dessa condição periférica” (D'ANDREA, 2013, p. 14). Conceituando-se na obra do grupo de *rap* Racionais MC 's, o autor a descreve “como sendo a narrativa legitimada pela população periférica para contar a sua história” (*Ibidem*, 2013, p. 15). D'Andrea (2013) denomina enquanto sujeito periférico, “todo o indivíduo que passa a agir politicamente a partir desse orgulho.” Ou seja, de perspectivas de representar a si, pelos “elementos da cultura e potência”, possibilitando “influenciar a própria autoimagem que os moradores da periferia passam a possuir de si mesmos” (*Ibidem*, 2013, p. 15).

Nesse sentido, Dayrell (2007, p 1112) descreve que:

para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da violência, ambos reais. Muito menos aparece apenas como o espaço funcional de residência, mas surge como um lugar de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos próprios, transformando-se em lugar, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva.

Esta noção de periferia não diverge da ideia clássica de Walther Christaller (1966) em que o centro e a periferia não são meras noções topológicas ou cartográficas, mas sim, resultado de uma relação entre polarização e dependência, em que o centro oferece bens e serviços e dele emanam as decisões políticas e econômicas, enquanto a periferia, com a escassez, depende do centro. Disso emerge a necessidade de descentralização ou surgimento de áreas com novas centralidades.

Ao discutir a noção de juventudes periféricas apresentada por Dayrell (2007), é possível destacar duas condições centrais traçadas pelo autor: a produção de cultura e a ocupação de espaços públicos.

A noção de juventudes periféricas pode ser ampliada, através da condição de sujeitos periféricos (D'ANDREA, 2013), justamente, tendo em vista que sujeitos periféricos sustentam novas formas de representação sobre si, a partir do pertencimento, da participação e da política. Para Dayrell (*op.cit*), uma das principais estratégias comuns entre as juventudes periféricas, é “a ocupação de espaços públicos, para além da escola, como alternativa para produzir cultura e conhecimento” (*Ibidem*, 2007, p. 1112). Circunstância que, segundo o autor, é possível “ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças, aos bares da esquina, que se tornam, (...) o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço” (*Ibidem*, 2007, p. 1112).

Milton Santos (2006) define o espaço como o resultado de um sistema de ações e um sistema de objetos que interagem de tal modo pelas relações sociais e de produção. Assim, o espaço existe porque o homem produz. Os elementos constituintes do espaço se inserem na dialética capitalista, portanto as ações e a materialidade dessas, concretas pelos objetos (a transformação da primeira na segunda natureza) configuram o *locus* das disputas pela obtenção da riqueza e a distribuição da mesma.

Há que se pensar na ideia de produção do espaço introduzida por Henri Lefebvre (1991) em que as relações sociais produzem espaços porque os espaços são resultantes de alguma produção, que dão a eles identidades. A prática de produzir espaços se dá por três dimensões: a do experimentado, a do percebido e a do imaginado. É um processo de poder pelo fortalecimento dos atores locais que vivenciam, idealizam, projetam, constroem e transformam o espaço ao seu modo.

Voltando ao termo periferia, D'Andrea (2013) apresenta três campos discursivos para definir as diferentes noções de periferia, que se situaram em distintos tempos históricos. Esses campos discursivos, segundo o autor, são oriundos: “do discurso acadêmico, dos próprios coletivos artísticos da periferia e da indústria do entretenimento” (*Ibidem*, 2013, p. 43). São apresentados, também, o aumento do número de coletivos artísticos nos bairros da periferia da cidade de São Paulo; do crescimento evangélico, a presença do PCC<sup>1</sup>, a atuação de ONGs e do poder público nas periferias (*Ibidem*, 2013).

D'Andrea (2013) finaliza o texto conceituando a obra do grupo de *rap* Racionais MC's, a qual apresenta como a narrativa legitimada pelas populações periféricas para contar sua história, e que discorre sobre uma nova subjetividade surgida na periferia e centrada no orgulho dessa condição. O autor afirma que “o indivíduo que passa a agir politicamente a partir desse orgulho é denominado neste trabalho como sujeito periférico” (*Ibidem*, 2013, p.9). Tendo em vista a atuação das juventudes periféricas em Coletivos Culturais, é possível associá-los à construção das noções de pertencimento, participação e política desses jovens, em relação ao lugar onde vivem. Para Dayrell (2007, p. 1112):

Um lugar de interações afetivas, simbólicas, carregado de sentidos. Pode-se ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças, aos bares da esquina, que se tornam, como vimos anteriormente, o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço.

Migliorin (2012) descreve que uma prática coletiva não significa, necessariamente, que um coletivo se crie simplesmente com todos produzindo juntos. Para ele “A noção de um coletivo se cria porque as pessoas compartilham uma intensidade de trocas maiores entre elas do que com o resto da comunidade, do que com outros sujeitos e práticas” (MIGLIORIN, 2012, p.308). Alguns exemplos de coletivos culturais, com presença e participação das juventudes, são apontados nos estudos de Almeida (2013) e de Arruda (2020).

<sup>1</sup> PCC – Primeiro Comando da Capital, facção criminosa que atua dentro e fora de presídios.

No estudo de Almeida (2013), os conceitos de Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo, são apresentadas as experiências de um coletivo cultural da Zona Leste da Cidade de São Paulo. O autor destaca a participação política junto a outros coletivos que atuam nas periferias da cidade, dando centralidade ao processo de apropriação do espaço urbano através de intervenções artísticas. O estudo de Arruda (2020), sobre Cultura Hip-Hop e serviço social, destaca uma leitura crítica, ao relacionar a invisibilidade social da juventude periférica à arte. É apresentado ao longo da pesquisa a importância de a arte estar articulada à cotidianidade das juventudes, como possibilidades de percepções de si e das relações que estabelecem no mundo, como ações políticas e de expressões afetivas.

## ESTUDO DE CASO: SANTA CRUZ, BAIRRO PERIFÉRICO DO RIO DE JANEIRO

Assim, para discutir - *qual o papel dos coletivos culturais na organização espacial de um bairro periférico?* - esta seção ocupa-se como fio condutor para a elaboração de um inventário a ser realizado no bairro de Santa Cruz e do objetivo de investigar a atuação das juventudes periféricas nos Coletivos Culturais do bairro. Dessa maneira, é importante apresentar alguns dados relacionados à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente sobre o bairro de Santa Cruz, como delimitação espacial e temporal adotada na investigação.

Para aprofundar as discussões relacionando questões urbanas e de suas interrelações com o bairro de Santa Cruz é importante explicitar algumas de suas características históricas e geográficas. Nesta pesquisa documental recorreremos às seguintes fontes: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD (BRASIL, 2012), do Instituto Pereira Passos - IPP e da Agenda Santa Cruz 2030 (CASA FLUMINENSE, 2020), conjunto de documentos que explicitam algumas características socio-culturais do bairro de Santa Cruz.

A distribuição geográfica da cidade do Rio de Janeiro se dá a partir de quatro Zonas administrativas: o Centro, a Zona Sul, a Zona Norte e a Zona Oeste. Sendo as duas últimas as áreas que delimitam geograficamente as regiões que abrangem a periferia carioca. O bairro de Santa Cruz está situado na Zona Oeste da cidade e possui cerca de 217 mil habitantes, de acordo com o último censo realizado em 2010, pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP). O local é também o mais distante, dentro do município carioca, da região central.

Entre os anos 60 e 70, a partir de políticas de remoção nas regiões central e zona sul, Santa Cruz torna-se extensamente populosa, mas habitado em poucas faixas de seu amplo território geográfico. Surgem nesta época, as comunidades do Aço, Antares e Cesarão, inicialmente conjuntos habitacionais e, com o passar dos anos, sub-bairros<sup>2</sup> precariamente urbanizados dominados pelo tráfico e milícias, e carentes de dispositivos culturais.

Com o objetivo de delimitar características particulares sobre a história e a geografia do Bairro de Santa Cruz, procuramos inicialmente uma “fotografia”, que permita lançar luz sobre dados de diferentes escalas de observação, sendo: (1) o município do Rio de Janeiro, (2) a região da Zona Oeste e finalmente; (3) mais especificamente sobre a Região Administrativa de Santa Cruz, utilizando como fonte de dados o portal Data Rio<sup>3</sup>, do Instituto Pereira Passos. Através dele, duas principais ferramentas

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.data.rio/>> Acesso em: 01 mai. 2022

<sup>3</sup> É um aplicativo desenvolvido pelo IPP, que oferece uma síntese das informações sobre a Cidade, suas 16 Regiões de Planejamento, suas 33 Regiões Administrativas e os 163 Bairros que as compõem. "Destaca-se ainda que o App BAIRROS CARIOCAS apresenta-se como um instrumento de divulgação de um grande e valioso acervo de informações espaciais de cada um dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, contribuindo, assim, para um maior conhecimento do espaço carioca não apenas para seus

foram utilizadas para a obtenção de dados, o Aplicativo *Bairros Cariocas*<sup>4</sup> e o portal *Cidade do Rio de Janeiro - Panorama*<sup>5</sup>.

Ao investigar a partir de uma perspectiva mais histórica partimos do App *Bairros Cariocas*, ao destacar a história do bairro de Santa Cruz, descreve que a região era povoada pelos indígenas *Tupi-Guarani*, tendo como seu primeiro nome *Piracema*.<sup>10</sup> Descreve ainda sua ocupação pelos portugueses, originando um latifúndio, que ficou conhecido na época como a fazenda de Santa Cruz, sendo a fazenda mais desenvolvida da então capitania. Um marco interessante foi a abertura do caminho dos jesuítas, possibilitando a ligação da região com a o núcleo urbano central do Rio de Janeiro e que mais tarde viria a se chamar “Estrada Real de Santa Cruz”. Atualmente corresponde às atuais avenidas Dom Hélder Câmara, Ernani Cardoso, Intendente Magalhães, Marechal Fontenelle, de Santa Cruz e Cesário de Melo e à rua Felipe Cardoso.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a fazenda de Santa Cruz passa à coroa portuguesa. A região possuía na época 22 currais, com cerca de 8.000 cabeças de gado. Os maiores eram o Curral Falso, o da igreja, de São Francisco, de São João e de São Marcos.

A partir da chegada da Família Real no Brasil, em 1808, outras mudanças foram conferidas à região: a fazenda se transformou num local de veraneio, o convento foi adaptado às funções de Paço-Real e passou a ser chamado de Palácio Real de Santa Cruz. Além de ser inserida a cultura do chá na fazenda em local que atualmente é conhecido como “Morro do Chá”.

Em 1842, no reinado de Dom Pedro II, a fazenda se transformou na Fazenda Nacional de Santa Cruz. No final de 1881, o imperador inaugurou o matadouro de Santa Cruz, tido como o mais moderno do mundo na época. Com a Proclamação da República, Santa Cruz perdeu seu prestígio “imperial”, mas já era urbanizado, com palacetes, solares, comércio e logradouros.

Em 1879 houve a inauguração do ramal de trens de Mangaratiba até a estação de Santa Cruz, que se destinava ao transporte de carnes do novo matadouro até a estação da Corte e ao transporte de passageiros. Em 1884 foi inaugurado o ramal da Base Aérea, linha férrea que prolongava-se para o município de Itaguaí, chegando até o município de Mangaratiba (RJ). Atualmente esses ramais foram extintos, passando Santa Cruz a ser a última estação dos trens elétricos vindos da Estação Central Dom Pedro II (Central do Brasil).

No governo Getúlio Vargas (década de 1930), foram feitas grandes obras de saneamento e criadas colônias agrícolas. Em 1938, famílias japonesas se estabeleceram em lotes nas estradas da Reta do Rio Grande e de São Fernando, produzindo quantidade expressiva de alimentos, que conferiram a Santa Cruz o apelido de “celeiro” do Distrito Federal.

Com o advento da aviação, surgiria a época dos grandes dirigíveis do Conde Zeppelin, para um dos quais, o “Hindenburg”, se construíram em 1934 enormes hangares, um deles existente até hoje e que deu origem do aeroporto Bartolomeu de Gusmão e à atual Base Aérea de Santa Cruz.

Nos antigos campos de lavoura surgiriam indústrias, como a nova Companhia Siderúrgica Nacional (COSIGUA – Grupo Gerdau) na década de 1970, a Usina Termoeletrica de Santa Cruz, o

---

cidadãos, mas professores, servidores, pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior que buscam informações sobre nossa cidade.” fonte: <<https://pcrj.maps.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=7fe1b0d463e34b3b9ca2fafd50c3df76>>. Acesso em 25/04/2021.

<sup>4</sup>O portal apresenta quatro categorias de navegação: Panorama; Pesquisas; História e Fotos; e Mapas. fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>> Acesso em 01 mai. 2022.

<sup>5</sup>PIRÁ “Peixe” e CÊMA “Saída”, ou seja, “saída dos Peixes” ou “muitos peixes”.

Distrito Industrial de Santa Cruz (1975), a Casa da Moeda do Brasil, a White Martins, a Valesul (alumínio) e outras empresas. Atualmente, está sendo construída em grande área entre os canais de São Francisco e São Fernando, a Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), com extenso píer na Baía de Sepetiba.

Nas décadas de 1970/1980 a Companhia Estadual de Habitação (CEHAB) construiu diversos conjuntos habitacionais na periferia de Santa Cruz, destacando-se os conjuntos de Antares, Pistóia, Otacílio Camará (Cesarão), Olímpio dos Santos (Urucânia), Boa Esperança, João XXIII, Guandu, Miécimo da Silva, São Fernando, Rio Grande, Novo Mundo, Alvorada, entre outros.

Os principais acessos à Santa Cruz, além do trem, são a avenida Cesário de Melo (antiga Estrada Real), o Largo do Curral Falso, a rua Felipe Cardoso e a avenida Brasil, de onde começa a Rodovia Rio-Santos, construída na década de 1970.

Como atrações do bairro destacam-se a Praça Ruão, com o “Marco Onze” e o 1º Batalhão de Engenharia - instalado na antiga Fazenda Real de Santa Cruz - a igreja N. Sra. da Conceição, a fonte Wallace, o morro do Mirante, o Hangar do Zeppelin, a ponte dos Jesuítas, o palacete Princesa Isabel e a Cidade das Crianças Leonel Brizola, que funciona como Parque Temático da Prefeitura, destinado especialmente, às crianças e adolescentes.

## CASA FLUMINENSE - AGENDA SANTA CRUZ 2030

A Região Administrativa de Santa Cruz, segundo a Agenda Santa Cruz 2030 (CASA FLUMINENSE, 2020), engloba também os bairros de Sepetiba e Paciência. No documento são apresentados 4 eixos temáticos: saúde, emprego e renda, educação e cultura. Ainda de acordo com a “Agenda 2030”, procura-se estruturar um conjunto de ações que contemplem os olhares daqueles que convivem diariamente com os desafios do bairro. Um desses, por exemplo, é o de conseguir uma mudança no cenário da juventude local, tendo em vista que mais de 25 mil jovens estão fora do mercado de trabalho e da escola, de acordo com o Mapa da Desigualdade (2017), também produzido pela instituição.

Partimos desse retrato socioeconômico da região, mais especificamente sobre a sua população jovem, que apresentam indícios sobre a possível ausência de políticas públicas voltadas para a juventude do bairro. Um dado tácito sobre isso, é que somente 8% dos jovens de Santa Cruz cursam o ensino superior.

A seguir, apresenta-se o Plano Santa Cruz 2030, mais especificamente com as propostas sobre Educação e Cultura (CASA FLUMINENSE, 2020), que segundo sua avaliação, se dá na seguinte conjuntura:

### DIAGNÓSTICO SOBRE CULTURA:

Acesso restrito ao lazer e à geração de renda da economia criativa.

### HORIZONTE SOBRE CULTURA:

Mapear, equipar e apoiar coletivamente organizações e produtores locais para fortalecer a cena artística local, considerando múltiplas linguagens e garantir o acesso igualitário à cultura.

### AÇÕES PARA A CULTURA:

1. Construir espaços e equipamentos culturais novos e acessíveis (teatro e cinema).



2. Fomentar editais públicos e privados.
3. Promover o incentivo à criação de um corredor cultural e rodadas de negócios entre produtores locais e empresas.
4. Incentivar intercâmbios culturais entre a região o restante da cidade.
5. Estruturar espaços físicos das organizações locais.
6. Promover calendários culturais colaborativos e canais de comunicação, divulgação e promoção das iniciativas culturais locais (rádios comunitárias).
7. Incentivar a revitalização e a ocupação do espaço público como espaço de Arte Pública. (teatros ao céu aberto, cineclubes).
8. Discutir com o Poder Público Municipal uma política de estado para o Centro Cultural Municipal de Santa Cruz Dr. Antônio Nicolau Jorge (Palacete).
9. Fortalecer iniciativas de salvaguarda dos patrimônios locais (ecomuseus).
10. Incentivar a participação de lideranças locais em conselhos de cultura.

## DIAGNÓSTICO SOBRE EDUCAÇÃO

Apenas 4,6% da população com acesso ao ensino superior.

## HORIZONTE SOBRE EDUCAÇÃO

Impulsionar a educação socioambiental, antirracista e antissexista que inclua digitalmente estudantes com uso de tecnologias em espaços de educação formal e não-formal.

## AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

1. Fomentar escolas públicas e organizações da sociedade civil com metodologias e práticas inovadoras, digitais, criativas e inclusivas, em diálogo pleno e contínuo com os territórios.
2. Discutir com o Poder Público estratégias de ampliação de vagas em escolas.
3. Incentivar iniciativas de cursos pré- vestibulares comunitários.
4. Desenvolver Programas de Pesquisa e Políticas de Extensão universitária na região.
5. Promover iniciativas de educação ambiental e desenvolvimento sustentável (coleta seletiva, hortas agroecológicas, etc).
6. Fortalecer o cumprimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08 que falam do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e africana e indígena.
7. Promover iniciativas que associam educação, entretenimento e tecnologia (games).
8. Incentivar coletivos e organizações que trabalham com questões ligadas à raça e gênero (oficinas, rodas de conversa, projetos afirmativos).
9. Fortalecer comunidades de aprendizes por meio da educação patrimonial e saberes populares (história, memória, pertencimento territorial, inventário participativo).
10. Priorizar ações de combate à extrema pobreza, com incentivo ao acesso amplo da população às oportunidades de educação formal e não-formal.

## QUAL O PAPEL DOS COLETIVOS CULTURAIS NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DE UM BAIRRO PERIFÉRICO?

Esta seção apresenta como título a própria indagação central do texto. Assim, mais do que uma resposta, surgem pistas sobre a importância do papel político desses grupos para uma reinvenção do termo periferia, cabendo-nos um exercício de inventariar as redes sociais de um grupo inicial de coletivos culturais que atuam no bairro de Santa Cruz. Representando uma espécie de fio condutor para conhecer as práticas desses grupos no bairro. As explicitações até aqui descritas, apresentam um panorama amplo para investigar a condição de sujeitos periféricos, permitindo replicar para diferentes experiências investigativas nos estados, nas cidades, bairros, de modo a apresentar características dos coletivos culturais e suas especificidades.

Partimos da abordagem multirreferencial de pesquisa, explicitada por Santos *et.al.* (2022, p. 99), na qual é necessário “dialogar com uma pluralidade heterogênea de saberes e referenciais”. Em suas investigações, tal qual este estudo, produzido em meio a pandemia de covid-19, procura dialogar com produções no ciberespaço, mais especificamente na plataforma *Instagram*. A tabela 1 apresenta a lista de coletivos culturais de Santa Cruz, suas redes, objetivos e como achá-los, demonstrando toda a amplitude das atividades.

**Tabela 1:** Lista de Coletivos com atuação no Bairro de Santa Cruz (em ordem alfabética)

Nome	Instagram	Descrição	Link
<b>A</b>			
Ação Comunitária da Zona Oeste	@coletivoacazo	Ação Comunitária da Zona Oeste Organização comunitária A ACAZO busca discutir temas relativos à política, sociedade e cultura e construir redes de solidariedade com os moradores da Zona Oeste.	<a href="https://linktr.ee/coletivoacazo">https://linktr.ee/coletivoacazo</a>
As Mariamas - Santa Veridiana	@as_mariamas	As MariAmas Arte Cultura Popular Santa Cruz/ZO - RJ	-
<b>B</b>			
B.A.S.E	@sejamosbase	B.A.S.E. Comunidade Buscando Ajuda para Sonhos Executáveis	<a href="https://forms.gle/uu42K1nZ NQeFvbPTA">forms.gle/uu42K1nZ NQeFvbPTA</a>
Baque Mulher	@baquemulherzo	Maracatu Baque Mulher ZO/ RJ Musicista/banda Grupo de maracatu de mulheres, extensão do @movimentobaque mulherfbv , @baquemulherrecife matriz , criado por @mestrajoanacavalc ante da @encantodopina	<a href="https://youtube.com/c/MovimentoBaqueMulherFBV">youtube.com/c/MovimentoBaqueMulherFBV</a>
Batalha da 31 - Cesarinho	@btrinte1	Batalha da 31 Rap é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades negras dos Estados Unidos. TODA QUINTA	-
Biblioteca Marginow			-
Bloco Zona Mental	@blocozonamental	Fundado em 2015,o Bloco Zona Mental é uma iniciativa dos usuários,técnicos e a comunidade do entorno dos serviços de Saúde Mental da Zona Oeste AP5.	-

continua

continuação

Nome	Instagram	Descrição	Link
<b>C</b>			
Casa da Rua do Amor	@casadaruadoamor	CASA DA RUA DO AMOR Artes e entretenimento	apoia.se/casadaruadoamor
Cia do Invisível	@ciadoinvisivel	Cia do Invisível Arte Teatro Santa Cruz - Rio de Janeiro	-
Clube de Leitura ZO	@clubedeleituraszo	Clube de Leitura ZO Coletivo Literário da Zona Oeste do RJ Desde Outubro/2017 Flicamp 2019-2020 clubedeleituraszo@gmail.com	III FLICAMP www.youtube.com/ watch?v=Q6sHloYMAwc&ab_ channel=ClubedeLeitura
<b>C</b>			
Coletivo Favela Tem Voz - Urucânia	@coletivofavelatemvoz	Roda Cultural Favela Tem Voz Arte @slamrj @ccrp_oficial_ RIO DE JANEIRO - ZONA OESTE	facebook.com/events /s/roda-cultural-favela-tem- voz/794378228388563
Coletivo Martha Trindade	@coletivomartha	Coletivo Martha Trindade Organização política Saúde, meio ambiente e cidade. Santa Cruz - Zona Oeste do RJ	anchor.fm/vozes-da- juventude4
Coletivo Oeste	@coletivooeste	Coletivo Oeste Organização comunitária coletivo sobre movimentos culturais, arte e música da zona oeste do rio de janeiro. OUÇA O PODCAST NOVO OESTE (LINK ABAIXO)	linktr.ee/coletivooeste
Coletivo Piracema	@piracemacoletivo	Coletivo Piracema Coletivo político social de Santa Cruz, da Zona Oeste do RJ. também tecemos juntas a Teia. Saiba mais: @teiasolidariedadzo	Piracema no facebook: facebook.com/coleti vopiracema
Coletivo TudoNumaCoisaSó	@tudonumacoisasofncs	Coletivo TudoNumaCoisaSó Somos um coletivo da Zona Oeste, que desde 2014 atua tentando fomentar o desenvolvimento local. Falamos de tudo um pouco. #Tudonumacoisasof	www.facebook.com/ coosturart
Coosturart - João XXIII	@coosturart	COOSTURART Moda ética e consciente.	www.facebook.com/ coosturart
Cultura na Cesta - Cesarão	@cultura_na_cesta	Cultura na Cesta Projeto #Socioesportivo e cultural desde 2005 trabalhando em várias vertentes no Brasil "Obrigado Deus por tudo". #poesias #basquete #basketball	www.facebook.com/ culturanacesta
<b>F</b>			
Fala Preta	@falapretarj	FALA PRETA fortalecendo jovens negras do nosso RIO 40! ação da @_agencia	-
<b>I</b>			
Instituto Casa - Aço	@instituto_casa	Instituto C.A.S.A. Educação Instituto que realiza projetos do Coletivo Artístico Sustentável e Alternativo. Em foco: Missão Arte Educação na favela do Aço em Santa Cruz.	forms.gle/Fct68XG1QuFezNz36
<b>L</b>			
Levante Aço - Aço	@acolevante	LEVANTE AÇO Projeto Cultural e Educativo para a juventude, localizado na favela do Aço, ZO. Nos conheça, colabore!	forms.gle/CXhHewy JRnaqZnEU7

continua

conclusão

Nome	Instagram	Descrição	Link
LiterAço - Aço	@biblioteca.literaco	LiterAço Biblioteca comunitária Favela do Aço, ZO	Email: contato.literaco@gmail.com
<b>M</b>			
Mova	@mova_zo	M.O.V.A Criador(a) de conteúdo digital produção audiovisual eventos ações campanhas incentivo a artistas independentes	-
<b>P</b>			
Pepuc de Vila Paciência	@pepucdevilapaciencia	Pepuc De Vila Paciência Projeto Social e Missional Vila Paciência/aço Rj Crianças e adolescentes. Estimulando saberes	api.whatsapp.com/send?phone=5521995756785
Projeto Nós por Nós	@nos.por.nos_rj	Associação Nós por Nós Ação Social Dedicado à população em situação de rua e comunidades do RJ.	linktr.ee/nospornos21
<b>R</b>			
REALIZACINE	@realizacine	REALIZACINE Educação Ver e Fazer Filmes no bairro de Santa Cruz com crianças e jovens #minutolumiere #cinemaeducacao #realizacine	www.realizacine.com
<b>U</b>			
União Coletiva Pela Zona Oeste (eixo de Paciência até Sepetiba)	@uczonoeste	União Coletiva pela Zona Oeste Organização comunitária União de coletivos da sociedade civil do eixo Santa Cruz, Paciência e Sepetiba contra o covid-19.	linktr.ee/Ucpelazonaoeste
<b>V</b>			
23 REC - João XXIII	@23rec	23Rec Selo/Gravadora independente	contato23rec@gmail.com
<b>Z</b>			
Z.O - Nova Geração	@zonovageracao	Z.O - Nova Geração Serviço local Ouça o Podcast Novo Oeste	linktr.ee/PodcastNovoOeste
Zona Oeste Acontece	@zonoesteacontece	Zona Oeste Acontece A Zona Oeste do Rio acontece aqui!	-

## ALGUMAS REFLEXÕES

Os autores do presente artigo, para compreenderem de maneira mais significativa a potência cultural (D'ANDREA, 2013), precisou vivenciar o ato de fazer cultura em Santa Cruz, de construir coletivamente com outros entes locais, já que, segundo Santos (2006) só se é possível compreender o lugar, conceito geográfico aplicado à escala do bairro, vivenciando-o, o que nos permite captar os significados da vivência dos sujeitos periféricos. Dentre os coletivos apresentados na tabela 1, temos o Realizacine, do qual fazemos parte e no mapa 1 apresentamos nossas locações de atuação.

**Mapa 1:** Localização de locações do Realizacine em Santa Cruz.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021).

Diante das múltiplas implicações urbanas e da organização espacial do bairro de Santa Cruz, identificou-se nos coletivos culturais um conjunto de potencialidades educativas que vêm sendo colocadas em práticas pelas juventudes periféricas. Ao traçar um mapeamento inicial dos coletivos de Santa Cruz, é possível articular ações em rede, de modo a favorecer as políticas locais que, pela expressão cultural e reinvenção do espaço, se relacionam intimamente à organização espacial deste bairro.

## REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 56, p. 151-172, Junho 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0020-38742013000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742013000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 23 jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p151-172>.

ARRUDA, Daniel Péricles. Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 111-121, abril 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802020000100111&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802020000100111&lng=en&nrm=iso) Acesso em 15 Jan. 2021. Epub Feb 27, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n1p111>.

BETARLLANFY, Ludwick Von. **Teoria Geral dos sistemas**. Petrópolis, Vozes, 1973.

BRASIL (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1992-2012**. Rio de Janeiro: IBGE.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude eo Sistema Nacional de Juventude-SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, p. 1-1, 2013.

CHRISTALLER, Walther. **Central places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. A aplicação da abordagem em sistemas na Geografia Física. **Revista Brasileira de Geografia**. 52 (2 ): 21 – 35, 1990.

DAYRELL, Juarez. A escola" faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.

**Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 01 out. 2022.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 319fg. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5787144/mod\\_resource/content/1/Tese%20A%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Sujeitos%20Perif%C3%A9ricos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5787144/mod_resource/content/1/Tese%20A%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Sujeitos%20Perif%C3%A9ricos.pdf)> Acesso em 27 set. 2022.

FLUMINENSE, Casa. **Mapa da Desigualdade, Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. 2020. Rio de Janeiro. Disponível em <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/> Acesso em 18 jun 2023.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. NewYork: Blackwell Publishing. 1991.

LOUREIRO, Bráulio. Formação política via autoeducação no movimento hip-hop: experiências de rappers ativistas no Brasil. **Educação**, n. 44, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/1171/117158942060/117158942060.pdf>> Acesso em 18 mar. 2022.

MIGLIORIN, Cezar. O que é um coletivo. In: BRASIL, André (Org.) Livro Teia 2002-2012, 1a edição, Editora: Teia, Belo Horizonte, 2012, p. 307 – 313.

MOREIRA, Leonardo Cesar Alves; D'ARROCHELLA, Marcio Luiz Gonçalves; DE ALMEIDA CUPOLILLO, Pedro. COLETIVOS CULTURAIS CINECLUBISTAS DA BAIXADA FLUMINENSE: um conjunto de panoramas. **Periferia**, v. 14, n. 1, p. 07-29, 2022.

OLIVIERI, Cristiane; NATALE, Edson (Ed.). **Guia brasileiro de produção cultural: ações que transformam a cidade**. Edições Sesc, 2016.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Therezinha e YORK, Sara Wagner. Ciberfeminismos em tempos de pandemia de Covid-19: Lives (trans) feministas. **Escrevivências Ciberfeministas**, p. 77, 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 2006.

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Juventude (s) periférica (s) e subjetivações: narrativas de (re) existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 256-262, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/zdCRzXcBsFhkQvkDrbLTp3s/?format=html>> Acesso em 19 mar. 2022.